

De Horácio Dídimo

BLANCHARD, O PROFETA

Para Roberto de Carvalho Rocha
*Viu, Blanchard, como foi fácil morrer?*²⁹

E agora, Blanchard,
Como nós ficamos
O céu é tão alto
Em que terra estamos?

Plantaste o teu grão
Gritaste o teu grito
Cumpriste a missão
Na força do espírito.

Como passageiro
Da páscoa-passagem
Fizeste a viagem

E como profeta
Nos mostras o rumo
O prumo e a meta.

29 Cf. BLANCHARD, O PROFETA: artigo de Roberto de Carvalho Rocha, O POVO, Fortaleza, 29 de março de 2007.

NA CASA DOS SETENTA

Para Maria Evendina

I

É hora de bendizer
A Santíssima Trindade
De louvar, de agradecer
Sua infinita bondade.

Com a Sagrada Família
Jesus, Maria e José
Seguimos a nossa trilha
Guardamos a nossa fé

São setenta melodias
Mais setenta ave-marias
Cantando na nossa orquestra

Pelo amor que nós vivemos
Por tudo o que recebemos
Fazemos a sua festa

II

Pela fé que nos sustenta
Pelo amor que não se cansa
Para a casa dos setenta
Levamos nossa esperança

Voamos na nossa nave
Por estes céus de platina
Sobrevoamos a casa
Tão grande e tão pequenina

Levamos muitas centelhas
Setenta chamas fagueiras
Setenta focos de luz

Setenta rosas vermelhas
Setenta verdes palmeiras
Setenta estrelas azuis

18 de abril de 2007

FESTA DO LIVRO E DA ROSA

Para Cleudene Aragão

Nessa travessia
Impressa na flor
O livro é poesia
A rosa é amor

A festa perdura
Na letra e na cor
O livro é cultura
A rosa esplendor

Santo padroeiro
São Jorge guerreiro
Que vence o dragão

Leva a tradição
Do céu catalão
Ao sol brasileiro

CORVOS DE ALUMÍNIO³⁰

Para Francisco Carvalho

I

Estes corvos de alumínio
Trafegam na contramão
Anunciam os tsunames
Com grasnidos de antemão

Relampejam no fascínio
Das asas do furacão
E revoam na rapina
Dos robôs de estimação

Estes são tempos difíceis
Para convencer os mísseis
Das florestas de metal

Tempo de guerras e garras
Tempo de gotas amargas
De aquecimento global

30 *Corvos de Alumínio*; pema-título do livro homônimo de Francisco Carvalho. Poesia inédita. Fortaleza: LCR, 2007.

II

Estes corvos de alumínio
São latas de arribação
Ostentam no seu caminho
As cifras da maldição

Misturam o joio e o trigo
Nos campos da negação
Grasnam gritos de domínio
Invertem o sim e o não

Com guirlandas e fanfarras
Patrocinam as amarras
Que prendem cada cristão

Estes corvos de alumínio
São sabem que o pão e o vinho
São sinais de salvação

DA PENA AO VENTO³¹

Para Dias da Silva

A leitura faz o livro existir. (Dias da Silva)

O texto ecoa
No pensamento
O livro voa
Da pena ao vento

A vento é vivo
No movimento
E livra o livro
Do esquecimento

A pena é leve
Mas quando escreve
Resiste ao tempo

Quem lê insiste
Que o livro existe
Da pena ao vento

31 Cf. DIAS DA SILVA. *Da Pena ao Vento*: apreciações sobre livros nos jornais literários Catolé e Binóculo, editados em Fortaleza por Batista de Lima e Dias da Silva..